

LANGDON, Esther Jean e PEREIRA, Éverton Luís. *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de Antropologia, 2012, 160p.

Soraya Fleischer

O título da obra traz palavras com alta intensidade antropológica, “rituais”, “performances”, “pesquisa”, “campo”. A coletânea, organizada por Jean Langdon e Éverton Pereira, reúne oito capítulos que partiram de práticas cotidianas da Ilha de Florianópolis (e de Curitiba) para pensar teoricamente “ritual” e “performance”. Um dos fios possíveis a alinhar os capítulos é a experimentação etnográfica a partir do cabedal teórico que discutiu “ritual” em eras mais clássicas, como Victor Turner, Arnold Van Gennep, Clifford Geertz, e mais contemporâneas e brasileiras, como Mariza Peirano, Jean Langdon, Luciana Hartmann. O livro tem mérito garantido ao apresentar diferentes cenários em que rituais de “espetáculos, festas, brincadeiras, teatro, jogos” (:7) são observados, descritos e desafiados pelos conceitos. Depois de uma discussão conceitual de “rito”, assinada por Langdon, a saída de iaô no candomblé, os encontros de estudos bíblicos luteranos, o consumo de ayahuasca, uma roda de capoeira, apresentações do Boi-de-mamão, o arrastão da tainha, um campeonato de jiu-jítsu e uma festa de aniversário são os rituais analisados ao longo do livro. Só por isso, o livro já é boa indicação de leitura para aqueles que pesquisam rituais e performances diversas.

Contudo, é sobre outra palavra do título que repousará o foco dessa resenha: “iniciações”. Os organizadores da obra, Langdon e Pereira, foram professora e estagiário docente, respectivamente, da disciplina “Do rito à performance”, ministrada no PPGAS/UFSC em 2009. Um ano antes, o mesmo curso foi oferecido pela mesma docente e outra estagiária de pós-graduação, Bárbara Arisi. Aqui, já é possível ver algumas “iniciações” em prática. O

estágio, muitas vezes, é a primeira vez que um profissional da Antropologia tem a chance de experimentar a docência. Além disso, no caso de Pereira, essa foi a primeira experiência de compilador e editor de uma coletânea. Acompanhar uma professora não só é uma oportunidade para conhecer os desafios da sala de aula como também do mundo editorial.

Para além dessas iniciações, há outras. Os oito capítulos foram escritos e, aposto, reescritos por Marliese Vicenzi, Suzana Uliano, Aline Oliveira, Laura Gomes, Diogo de Oliveira, Silvia da Conceição, Baylie Roth, Yudi Koike e Nara Rodrigues, todos estudantes que, à época, cursavam graduação em ciências sociais com ênfase em Antropologia. Como admitido por vários desses autores, os capítulos são o resultado da primeira incursão etnográfica de suas carreiras; da primeira tentativa de escrita de um artigo acadêmico; da primeira aparição no mundo das publicações. Isso não é pouco e o livro, ao reunir essas iniciações todas, materializa a um só tempo o ritual de entrada na vida acadêmica desses jovens antropólogos. Ao ganhar nossas estantes e bibliotecas, a obra eterniza esse momento tão esperado por nossos estudantes de “ir a campo”, de “escrever” e de “publicar”. Em geral, esse momento fica apenas registrado em algum diário de campo empoeirado ou no anedotário das lembranças, sem virar mote de reflexão e produção. Ao registrá-lo, portanto, o livro desnaturaliza esse ritual de iniciação tão importante.

O esforço da iniciação é imenso, não deve ser subestimado. Vários autores já conheciam os rituais analisados, ora eram moradores do bairro, ora eram frequentadores daquele terreiro ou roda de capoeira, por exemplo. Se isso pode facilitar a entrada e aceitação em campo, só a capacidade de negociação e a transformação do olhar facultam a permanência prolongada. Mesmo em cenários familiares à primeira vista, os autores conseguiram atentar para detalhes que lhes abriram para novas camadas de sentido desses cenários, disparando novas interpretações a partir desses importantes “elementos surpresa”, como chamaria Peirano (2008). Nesse sentido, outros autores sequer esperavam pelo ritual do qual participaram e o olhar antropológico precisou se domesticar de imediato para notar e compreendê-lo, já sensibilizado pelas provocações do curso de Langdon e Pereira. Os organizadores

explicam que “esses artigos buscam refletir sobre o processo de inserção dos jovens pesquisadores em universos muitas vezes despercebidos da vida social que, visto sob a ótica do extremamente próximo, são encarados ora com naturalidade, ora com desconhecimento. O trabalho de campo dos etnógrafos possibilitou-lhes, de alguma forma, revistar esses mesmos eventos, agora com um olhar lapidado pela teoria” (: 8).

A maioria dos autores informou suas técnicas de pesquisa, como anotações *in loco*, produção de fotografias, explicação aos anfitriões a respeito dos vários retornos etc. Compartilham muitos dos desafios metodológicos enfrentados no campo (mas nem tanto na escrita), como a dificuldade de empreender várias atividades simultaneamente (como anotar e fotografar), a utilização de vários materiais para formular a análise (anotações, entrevista, memória, fotos, textos escritos anteriormente, gravação de áudio, e-mails e listas de discussão), a presença exótica do antropólogo e seu caderno em campo, a observação continuada produzindo sensação de invasão etc. Admitem a inexperiência e a insegurança, trazendo à tona sentimentos comuns aos antropólogos (sempre) neófitos e, com isso, a um só tempo, desmitificando o trabalho antropológico e humanizando seus expoentes.

Em geral, os capítulos contam com estrutura idêntica de título, resumo, introdução, metodologia, descrição etnográfica, análise, considerações finais, notas de rodapé e referências bibliográficas. Embora um pouco convencional, é importante também que o alunado conheça e exercite sua escrita dentro desse formato, antes de realizar outras experimentações. O livro é homogêneo, portanto, ao contar com capítulos produzidos dentro desse formato “ritual”. A análise do ritual propriamente dito reúne descrições de momentos, cenários, figurinos e história, porém poucas biografias, discursos, depoimentos. Um corpo de atores transparece com facilidade nos textos, ao passo que individualmente os personagens ficam mais apagados.

Na pós-graduação, a prática de reunir e publicar trabalhos de estudantes é comum (Teixeira, 2000; Lobo e Dias, 2012; Borges et al, 2014). Na graduação, contudo, lembro-me de poucos exemplos (Fleischer et al, 2005). Pela coesão encontrada ao longo da obra, é possível inferir que os organizadores

investiram em ler, comentar, provocar os autores a reverem e, mais importante, reescreverem seus textos. Há maturidade analítica, há detalhamento e densidade nas descrições, há linearidade das ideias e seções dentro de cada capítulo. Nem sempre essas são qualidades encontradas nas primeiras versões de trabalhos finais realizados para os cursos oferecidos na graduação. É preciso acompanhamento atento e dedicado por parte dos professores, marca notória na presente coletânea.

Por fim, louvo o livro pelo seu espírito inovador e empreendedor, mas acima de tudo, por firmemente acreditar e apostar no nível da graduação como etapa importante de formação profissional dos antropólogos brasileiros. Ao longo dos oito capítulos, conhecemos não apenas como os alunos da UFSC vêm sendo formados nos últimos tempos, como também quais são as principais dificuldades que eles percebem na prática de pesquisa, organização dos dados e escrita de seus textos. Outros livros semelhantes são bem vindos, com o potencial de revelar os dilemas profissionais vividos por graduandos em seus rituais de iniciação acadêmica nesse início de século, ajudando-nos a melhor ajustar nossas estratégias pedagógicas para que a passagem à Antropologia seja suave, criativa e marcante.

REFERÊNCIAS

1. BORGES, A.; BALESTRA, A. A.; AMARAL, L. A.; ALVIM, F. A.; LASEVITZ, R. S.; SOARES, S. M.; DUARE, T. S. (Orgs.). *Antropologia, razão e poder na pesquisa etnográfica contemporânea*. Brasília: EdUnB/Thesaurus, 2014.
2. BRAZ DIAS, J.; LOBO, A. S. (Orgs.). *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012.
3. FLEISCHER, S.; FONSECA, C.; SCHUCH, P. (Orgs.). *Antropólogos em ação: Experimentos de pesquisa em Direitos Humanos*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
4. PEIRANO, Mariza. 2008. "Etnografia ou a teoria vivida". *Revista Ponto Urbe*, 2(2), pp. 1-10.
5. TEIXEIRA, C. C. (Org.). *Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. Em busca da experiência mundana e seus significados*. Rio de Janeiro: Relume e Dumará, 2000.